

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM CIÊNCIAS E
PLURALIDADE**

FRANCINI DIAS

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

PROJETO DE PESQUISA DE ESPECIALIZAÇÃO

DOIS VIZINHOS

2020

FRANCINI DIAS



GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina de Concepção e Elaboração de Materiais Didáticos, do Curso de Especialização Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade, modalidade à distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Dois Vizinhos.

Orientador: Prof^a. Dra. Katia Elisa Prus Pinho.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

DOIS VIZINHOS

2020



TERMO DE APROVAÇÃO

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I

Por

FRANCINI DIAS

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado às 09: 00 h, do dia 26 de setembro de 2020, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade 2019, Polo de Campo Largo, ofertado na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Dois Vizinhos. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelas professoras abaixo assinadas. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof^a. Dra. Katia Elisa Prus Pinho
UTFPR
(orientadora)

Prof^a. Dra. Zinara Marcet de Andrade
UTFPR

Prof^a. Dra. Lindamir Salete Casagrande
UTFPR

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

A minha Família,
Que sempre, com muito amor, carinho e compreensão, apoiaram-me e
incentivaram-me a conquistar meus objetivos, e estiveram ao meu lado em cada
etapa de minha vida.

À orientadora desta pesquisa, Prof^a. Dra. Katia Elisa Prus Pinho, pessoa
adorável, excelente profissional e imprescindível na realização deste trabalho, a
qual, com sabedoria e discernimento, foi apontando o caminho correto e seguro
a seguir.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a DEUS, detentor de minha fé e devoção, responsável por colocar em minha vida verdadeiros anjos da guarda, que me ajudaram nesta trajetória.

A minha filha Manuela Dias Barbosa, que me motivou a seguir em minha carreira com toda dedicação e carinho que uma criança necessita, prezando o ato de ensinar, aprender, mediar e educar.

Aos meus pais, Marli e José, que, em sua imensa experiência de vida, souberam mostrar-me o caminho a seguir, ensinaram-me a persistir até alcançar meus objetivos.

A meus familiares, que sempre me apoiaram, contribuindo mesmo que indiretamente na realização deste trabalho.

Às professoras, educadoras, pedagogas e diretoras participantes da pesquisa que contribuíram muito ao resultado final desta pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Katia Elisa Prus Pinho, valorização de meus esforços, pelo apoio e incentivo no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores, tutores e coordenadores, que se dispuseram a me ajudar sempre que necessário, com compreensão e respeito.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista, o meu muito obrigada.

*A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria.*

Paulo Freire, 1996

RESUMO

DIAS, Francini. Gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Monografia (Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2020.

O tema gênero por si só, trata-se de um título controverso, a abordagem do mesmo nas escolas para educação infantil e ensino fundamental não é diferente. A presente pesquisa tem por objetivo principal identificar quais os materiais e as metodologias utilizados para abordagem de gênero nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I. Para chegar-se ao resultado, utilizou-se como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa do tipo descritiva e explicativa. O levantamento de dados ocorreu de acordo com análise de dois tipos de questionários, um físico com profissionais de duas escolas municipais de Região Metropolitana Sul de Curitiba e outro *online* realizado em plataforma digital *Google Forms*. Assim, obtiveram-se algumas posições e contribuições dos(as) profissionais da educação, que juntamente a fundamentação teórica sustentaram a hipótese da pesquisadora de que atualmente a maioria dos/as profissionais da educação resistem e/ou não se sentem confortáveis ao apresentar o tema gênero em ambiente escolar. Tais resistências a abordagem de gênero são provenientes de diversos fatores, destacando-se as convicções culturais do(a) educador(a) e do meio em que os estudantes estão inseridos; receio da crítica dos pais dos alunos(as) quanto ao assunto e, também, pela falta de preparo dos docentes (formação contínua). Sendo assim, este trabalho favorecerá a reflexão sobre o direito da criança a formar sua própria identidade sem intervenções estereotipadas sobre o que um menino ou uma menina pode ou não fazer.

Palavras chaves: Educação, Igualdade, Gênero, Formação, Criança.

ABSTRACT

DIAS, Francini. Gender in Early Childhood and Elementary Education. Monograph (Specialization in Educational Practices in Science and Plurality). Federal Technological University of Paraná, Dois Vizinhos, 2020.

The theme “gender” itself is a controversial title, the approach of it in schools for early children’s education and elementary education is no different. The main objective of this research is to identify which materials and methodologies are used to approach gender in early childhood and elementary schools I. To arrive at the result, the qualitative approach of the descriptive and explanatory. The data collection took place according to the analysis of two types of questionnaires, one physical with professionals from two Municipality schools in the Southern Metropolitan Region of Curitiba and another online carried out on a digital Google Forms platform. Thus, some positions and contributions were obtained from education professionals, which together with the theoretical foundation supported the researcher's hypothesis that currently most education professionals resist and / or do not feel comfortable presenting the gender theme in a school environment. Such resistance to the gender approach comes from several factors, highlighting the educator's cultural convictions and the environment in which the students are inserted; fear of criticism from the students' parents regarding the subject and, also, by the lack of preparation of the teachers (continuous training). Therefore, this work will favor reflection on the child's right to form his own identity without stereotyped interventions about what a boy or a girl can and cannot do.

Keywords: Education, Equality, Gender, Training, Child.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL	10
2.1. PAPEL DA ESCOLA E DOS(AS) PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PERANTE A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA.....	13
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	21
3.2 TIPO DE PESQUISA	22
4. ANÁLISE DE DADOS	24
5. RESULTADOS	25
5.1 RESULTADOS QUESTIONÁRIO IMPRESSO	25
5.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO <i>GOOGLE FORMS</i>	30
5.2.1 Resultados Quanto a Instituição de Atuação dos(as) Participantes	30
5.2.2 Resultados Quanto aos Dados dos(as) Entrevistados(as)	31
5.2.3 Análise de Dados Sobre a Abordagem de Gênero.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7. REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43
APÊNDICE B - CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA	44
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO TRATAMENTO DO GÊNERO POR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO IMPRESSO	45
APÊNDICE D - CONVITE <i>ONLINE</i>	47
APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i>	48

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, fala-se sobre Diversidade e Gênero, mas há pouca consciência de como esse tema é abordado em sala de aula. Por esse motivo, a pesquisadora que é formada em pedagogia, interessou-se pela temática e desenvolveu o presente estudo, de acordo com a área em que atua na rede básica de ensino.

Os profissionais da Educação vêm procurando uma maneira de trabalhar corretamente tal tema em seu cotidiano, porém se deparam com poucos materiais para o trabalho prático, principalmente no que tange a educação infantil e ensino fundamental I (séries iniciais) o que não os motiva a criá-los.

Acredita-se que devido ao despreparo dos profissionais aliado a falta de material, possa ocorrer a marginalização e o negligenciamento sobre a questão de gênero e diversidade, fato que desconsidera a necessidade em trabalhar as diferenças e a diversidade humana que compõe o ambiente escolar.

Certamente, não há uma teoria ideal ou única para abordagem deste tema em sala de aula, principalmente quando o público alvo são crianças. Elas são seres imprevisíveis e estão em constante desenvolvimento. As crianças são curiosas por natureza, e quando sentem necessidade de sanar as dúvidas em relação a gênero e diversidade de gênero, os professores e até mesmo seus pais não sabem como ajudá-las. Isto pode gerar uma frustração na expectativa da criança e, também, risco de uma interpretação equivocada gerando preconceitos, o que deve ser evitado e repensado no contexto educacional.

A presente pesquisa visa colaborar com os profissionais da educação na resposta ao seguinte questionamento: Quais os materiais e as metodologias utilizados para abordagem de gênero nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I?

As respostas e embasamento teórico farão parte do desenvolvimento da pesquisa, com a finalidade de contribuir como material de apoio ao profissional da educação, no que se refere à abordagem de Gênero na infância.

O presente trabalho desenvolveu-se de acordo com o objetivo geral: Analisar os materiais e as metodologias utilizados para atuar com crianças pequenas (educação infantil) e do ensino fundamental I; e de acordo com os objetivos específicos: Identificar e analisar como ocorre a abordagem do tema gênero nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I; Verificar se existem materiais

adequados para o tratamento de gênero em ambiente escolar; Caracterizar as principais dificuldades dos profissionais da educação em relação ao tema.

2. GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo o “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” criado pelo linguista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986, p.844) a palavra gênero refere-se a:

Classe cuja extensão se divide em outras classes, as quais, em relação à primeira, são chamadas espécies? [...] qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns[...] categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas.

Portanto, não há uma só definição a palavra e/ou termo gênero. Sendo assim, a pesquisadora destacará para o presente estudo a concepção e definição de gênero da autora Joan Scott (1995, p.86), a qual diz que: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e que “(2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

As definições e concepções errôneas de gênero podem ser responsáveis por diversas situações de preconceito e discriminação vivenciadas cotidianamente por crianças, adolescentes e adultos.

Por vezes as crianças antes mesmo de nascerem já recebem dos pais ou familiares, mesmo que de maneira errônea, uma concepção de gênero como se observa na seguinte afirmação:

Antes mesmo de uma criança nascer ela já tem um nome, que é masculino ou feminino; já tem um enxoval, que é mais rosa ou mais azul; já tem expectativas de vida dos seus pais sobre ela, que tem a ver com como estes pais e mães entendem que um homem ou uma mulher deva viver dentro dessa determinada sociedade (BORTOLINI *et al.*, 2014, p.15).

Tais pensamentos e bagagens culturais provenientes de seus familiares farão parte da vida da criança. Pais, familiares e até mesmo os(as) profissionais da educação que irão atendê-la no decorrer de sua trajetória escolar tendem a entender a criança como um ser puro e ingênuo, e devido a isso as rotulam como seres assexuados, quando na realidade elas detêm sua própria forma de sexualidade, seja pela exploração/descoberta de seu corpo e/ou aprendendo questões de si mesmo, tal asseveração se faz compatível com a seguinte afirmativa de Constantina Xavier Filha (2015, p.18):

[...] a criança tem sexualidade desde que nasce. Essa sexualidade é diferente da sexualidade adulta. A criança se expressa sexualmente com seu corpo: sente prazer, desprazer, pergunta sobre suas teorias e dúvidas, toca seu corpo e o de outrem, busca responder às suas questões. Assim, vai construindo as identidades de gênero: aprendendo e interagindo com as pedagogias de gênero e sexualidade num ambiente em que está constantemente se relacionando, não como sujeito passivo, mas ativo na construção da sua subjetividade.

Por essa perspectiva entende-se, que a criança desde seu nascimento já tem sensações de prazer ou desprazer, mas isso não significa que a criança é exposta a uma ambiente muito sexuado em seu contexto familiar, ou que a criança tenha perdido sua ingenuidade.

O fato da criança conhecer seu corpo e fazer experimentos com ele, não significa que ela seja maliciosa, mas sim curiosa e exploradora de algo ainda não conhecido por ela, o que é comum e fundamental para a primeira infância, como também afirmam as autoras Virginia Georg Schindhelm e Dayse Martins Hora (2015, p. 165):

As crianças possuem um grande componente de curiosidade que provém do impulso para explorar e conhecer aquilo que é velado. Desta forma suas inclinações sexuais devem ser vistas pelos adultos como motivações para conhecer o novo. Esse deveria ser um momento fértil para desenvolver o gosto pelo conhecimento e introduzi-los aos novos saberes. A criança, na ingênua condição curiosa a quem tudo interessa e por tudo pergunta, é um verdadeiro cientista.

É certo que quando esses pequenos “cientistas” passam a frequentar as escolas, iniciam também a descoberta do seu “corpo, gestos e movimentos” e do “O Eu, o Outro e o Nós”, que atualmente se tratam de campos de experiência da educação infantil definido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Campo “O Eu, o Outro e o Nós” tem como alguns de seus objetivos de aprendizagem: “Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso” e “Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação” (BNCC, 2017, p.38). Possibilitando um arsenal de possibilidades e objetivos específicos a serem desenvolvidos com a criança como desenvolver noção de identidade e convivência em um espaço compartilhado com outras pessoas.

Assim, com a criança na escola, ainda na primeira infância se faz necessária a exploração do tema gênero como forma de identificação e autonomia, sem definições estereotipadas do que deve ser de “menino” ou “menina” como nota-se na citação a seguir:

As generalizações que muitas vezes ouvimos sobre meninos e meninas continuam sendo repassados pelos professores diariamente dentro das salas de aulas das escolas do país desde a educação infantil. Onde a escola acaba não atuando como espaço de (re)construção do conhecimento. A atuação dos professores nessa fase se torna de suma importância, para uma educação onde a igualdade de gêneros seja efetiva desde a primeira infância (CANGUÇU, 2015, p.14).

Observa-se com a afirmativa de Talwane Vieira Canguçu (2015), que a escola e os professores necessitam de preparo para atuar nessa reconstrução de conhecimento dos alunos, pois sua atuação nessa primeira infância é imprescindível.

Sendo assim, considera-se que apesar da criança apresentar curiosidades desde seu nascimento indicando que ela não é de fato um ser assexuado, ela passa a ter melhor compreensão sobre o que é definido por padrões sociais sobre como “ser homem” ou “ser mulher” a partir de três anos de idade como afirmam as autoras Schindhelm e Hora (2015, p.151) na citação a seguir:

É importante lembrarmos que o processo de solidificação do sentimento de ser homem ou ser mulher se dá por volta dos três anos de idade, quando a habilidade verbal oportuniza para a criança a capacidade de se auto-identificar e de utilizar o pronome *ele/ela* aos seus pares e às outras pessoas. Estariam o(a)s educadore(a)s infantis cientes da importância desse processo?

Sendo assim, nota-se que a criança iniciará a identificação de si mesmo e de seu gênero, a partir do entendimento e uso de pronomes classificados na língua portuguesa como gênero masculino ou feminino, no entanto o conhecimento do gênero gramatical não definirá o gênero natural.

Sabe-se que os estereótipos não são definições inatas da criança, mas sim algo cultural que geralmente é ensinado e reproduzido por elas. Cabe à escola

proporcionar ao(à) aluno(a) um espaço de ensino adequado, que proporcione a aprendizagem sem estereótipos e preconceitos como se afirma na citação abaixo:

Esses padrões são aprendidos e ensinados. Um menino não sai naturalmente correndo atrás de uma bola. Ele vai brincar de boneca e apanha. E assim aprende que meninos não podem brincar de boneca. Uma menina ganha boneca em todos os aniversários, natais, dias da criança, e aprende que aquele é o seu brinquedo – e o ideal de mulher que ela deve perseguir: branca, magra, jovem, rica. E entre tantos outros, a escola é, sem dúvida, um espaço de ensino e aprendizagem de comportamentos de gênero (BORTOLINI *et al.*, 2014, p.16).

No que tange ao ensino fundamental, a temática gênero pode ser abordada de acordo com os temas transversais em conformidade com as situações diárias, sendo inclusas de forma natural aos conteúdos e situações cotidianas.

2.1 PAPEL DA ESCOLA E DOS(AS) PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PERANTE

A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Ao iniciarem a vida escolar, as crianças passam a ter contato e trocas de experiências não apenas com os(as) colegas, mas com os(as) professores(as) ou educadores(as) da escola e demais funcionários(as), estes(as) profissionais tem um papel importante na vida dos estudantes no ambiente escolar, pois é a partir das vivências que as crianças começam a atribuir significado ao gênero, como se confirma com a seguinte afirmativa:

Na escola para a infância, as crianças já começam a vivenciar diferentes experiências e concepções acerca do gênero por meio das relações que estabelecem entre elas e com os adultos com quem interagem desde os primeiros anos da vida escolar. São comportamentos, atitudes, saberes e gestos que ensinam aos meninos e às meninas os valores que esta comunidade escolar admite, aceita e valoriza na construção de suas masculinidades e feminilidades. Dessa forma, tanto os significados culturais de masculinidade e de feminilidade como as expectativas atribuídas ao que é ser feminino ou masculino tornam-se conhecidas e evidenciadas para as crianças (LOURO, 1995, p. 173).

Nota-se que são nas escolas, famílias, igrejas e no acesso a mídias que as crianças recebem na infância traços essenciais de personalidade. Mas é na escola que geralmente ocorrem às maiores distinções de gêneros e imposições de modelos a seguir, caracterizados como orientação para formação identitária. Nessa mesma perspectiva os autores Henrique; Santos e Santos (2017, p. 16) afirmam que:

Ser menino ou ser menina, num ambiente onde práticas sexistas estão largamente difundidas, os colocam como polos em oposição, e os inserem numa lógica de dominador e dominada. Os sujeitos desse processo não são meros receptores, recebem as influências e estratégias externas, mas são participantes ativos da construção de suas identidades, ou seja, quaisquer combinações identitárias (raça, classe, sexualidade).

Repara-se que boa parte da formação de identidade das crianças, são provenientes do meio em que vivem, vivência familiar e de estímulos culturais a que elas estão inseridas, no entanto

Não se pode esquecer de que as instituições escolares, em destaque aquelas destinadas aos primeiros níveis (infantil e fundamental), são verdadeiros laboratórios – da vida cultural, social, política, econômica – de uma comunidade. São espaços de aprendizagem e reafirmação de valores, trocas e identidades, onde aprendemos significados de gênero, raça/etnia, sexualidade, dentre outros [...] (CASAGRANDE; LUZ, 2016, p. 68).

Sendo assim, compreende-se que é na escola, e com a mediação dos(as) profissionais que ali atuam que a criança terá suas primeiras experiências, frustrações, reafirmação saberes e expansão de conhecimentos nos mais diversos aspectos, principalmente no que diz respeito a identificação de si mesmo, descobrindo então suas preferências e as características de seu corpo, as “marcas” que definem o que pode-se ser ou não correto.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos[...] (LOURO, 1997, p.58).

A identificação de si mesmo e das peculiaridades de seu próprio corpo, caracterizam o desenvolvimento da identidade da criança, as “marcas” que o compõe evidenciam as diferenças e semelhanças entre cada indivíduo, e perpassam apenas as características dos corpos, tornando-se atributo cultural. Mesmo assim, esquece-se de sua importância para o conhecimento e identificação da criança. A mesma concepção é defendida por Louro (2000, p. 62):

[...] supomos que as marcas são dadas e que sua presença (ou ausência) indica a identidade. E, assim, deixamos de problematizar sua inscrição nos corpos, isto é, deixamos de problematizar, exatamente, as tais "marcas". Esquecemos de indagar a respeito das razões porque certas características (um pênis ou uma vagina, a cor da pele, o formato dos olhos ou do nariz) são tão especiais; deixamos de perguntar por que esses e não outros elementos (as orelhas, o tamanho das mãos ou dos braços, por exemplo) foram escolhidos como definidores de uma identidade sexual, de raça, étnica ou de gênero. Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em "marcas" definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes.

Ao se refletir sobre a criança e a composição de sua identidade, acredita-se que para o ensino efetivo e aprendizagem significativa de gênero nas escolas, se faz necessário que os (as) profissionais da educação que atuam diretamente com os(as) alunos(as) repensem suas práticas estereotipadas.

Faz-se necessário, atentar-se a novos métodos e metodologias em sala de aula, procurando não ignorar e/ou desrespeitar as individualidades e preferências de cada aluno(a), pois como afirmam Casagrande e Luz (2016, p.210) “as relações de gênero se fazem presente no cotidiano escolar, embora sejam quase invisíveis para docentes, discentes e direção”.

Nas escolas ocorrem situações diárias relacionadas ao gênero. Mas tais situações não são exploradas, pelo contrário, por vezes são negligenciadas, tornando-se invisíveis para todos(as) que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se então, que um professor(a) ou educador(a) deve agir de maneira consciente, pois a preparação do docente é relevante para a construção de identidade do(a) aluno(a). Com o método e prática adequada, ocorre à

transformação da escola, com alunos(as) que tem sensibilidade crítica desde a educação infantil, a mesma ideia se afirma com Paulo Freire (2000, p.44):

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade.

Seguindo a mesma perspectiva sobre a função do/a profissional da educação em sala de aula, o autor Sacramento (2015, p. 29) diz:

O profissional é o professor, cabe a ele, portanto, o domínio da classe. É preciso vencer sua forma unilateral de ver o mundo e lembrar que o aluno também está aprendendo desta forma a ver, analisar e julgar o mundo. O desafio é duplo, pois ao mesmo tempo em que é preciso vencer os próprios preconceitos e limitações é necessário conduzir o aluno para que faça o mesmo.

Portanto, repara-se que para ter um bom relacionamento ou até mesmo afetividade com os(as) alunos(as), faz com que eles vejam a escola como um ambiente acolhedor, confiável e que lhes propicia momentos de aprendizagem significativa. Para Santos (2008, p.12) a relação entre professor(a) e aluno(a) não pode ser esquecida, pois é de suma importância como se afirma em:

A relação professor e aluno não poderiam ficar de fora, uma vez que é considerada de suma importância para todo o processo de construção do conhecimento, pois o clima de afetividade nesta relação pode contribuir para que a aprendizagem ocorra em uma interação contínua. É comum, muitas vezes, os alunos encontrarem no professor aquilo que gostariam de encontrar em seus familiares, mas também pode trazer consequências desastrosas se o professor não souber conduzir esta situação de afetividade em sala de aula.

A partir da convivência harmoniosa entre professor(a) e aluno(a), a escola passa então a ser vista como lugar de respeito e de valorização das diferenças, não apenas na educação infantil, mas também em toda trajetória escolar do(a) estudante. Cabe, então, ao(à) professor(a) direcionar suas aulas de forma a não indicar taxativamente o que deve ser feito por meninos ou meninas, pois:

[...] é preciso ater-se ao fato de que, embora a criança manifeste preferências por brinquedos considerados masculinos e/ou femininos, ela brinca indistintamente com bolas, bonecas, panelinhas, casinhas, carrinhos. Na Educação Infantil, ela desconhece as práticas e táticas culturais que sinalizam a diferença por meio dos objetos que devem ser utilizados para cada gênero (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019, p. 524).

Mas qual seria a melhor maneira de tratar do tema em sala de aula? As escolas e os(as) profissionais da educação estão preparados(as) para mediação de elementos tão importantes para a formação identitária dos(as) alunos(as)? Refletir sobre estas questões, atualmente é um ato relevante para o ensino de qualidade, pois é na escola e com a mediação do(a) docente que as crianças passam a adquirir conhecimentos, reconhecimento de si mesmas e dos outros como afirmam as autoras Casagrande e Luz (2016, p.128):

É papel da escola ensinar mais do que conteúdos disciplinares. É importante que na escola se ensine também como devemos nos portar diante de diversas situações do cotidiano, se ensine a ser cidadãos com responsabilidade social e respeito à diversidade. Dentre os atores sociais que atuam no meio escolar destaca-se o corpo docente que está em contato direto com as crianças e adolescentes e, assim, passam a elas, mesmo que indireta e inconscientemente, seus valores, suas crenças suas formas de ver o mundo. Eles podem tomar pequenas atitudes no dia a dia que poderiam resultar na minimização das desigualdades de gênero, ou, por outro lado, sua ampliação.

Nota-se, também, na afirmativa acima que a mediação do(a) professor(a) pode marcar definitivamente a vida de seus(suas) alunos(as), isso positiva ou negativamente. Portanto a imparcialidade quanto aos aspectos culturais que esse(a) profissional carrega em sua bagagem deve existir ao se discorrer sobre gênero em sala de aula, objetivando não induzir as crianças a assumirem identidades impostas pela sociedade.

Nessa perspectiva, o(a) professor(a) deve atentar-se a situações expressivas já vivenciadas pelos estudantes, sobre o que se espera de um menino ou de uma menina e refletir sobre o seu próprio planejamento, objetivando adequá-lo. O mesmo se afirma na citação a seguir:

[...] é preciso atentar para as marcas já deixadas pelas práticas que expressam o que é permitido e o que é esperado de meninos e meninas, num sentido binário e oposto. Há uma pequena repercussão em termos de formação docente e práticas mais concretas no planejamento escolar. De toda forma, é imprescindível nos colocarmos a pensar sobre o lugar das

mulheres e dos homens na educação, ou a educação como produtora de homens e mulheres (HENRIQUE; SANTOS; SANTOS, 2017, p. 17).

Considera-se, então, o fato de que o(a) professor(a) não deve de forma alguma se abster da obrigação que lhe é atribuída, pois a prática educativa é crucial no desenvolvimento dos/as estudantes. Nesse tocante, Freire (1997, p.32) faz reflexão pertinente a importância do comprometimento do/a profissional na formação de alunos/as. Segundo o autor a prática educativa:

[...] é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo.

Ao mediar e receber conhecimentos, o(a) professor(a) toma para si um papel fundamental no desenvolvimento integral de seu/sua aluno(a), deve-se então, tomar ciência de que suas atitudes e metodologias perpassarão as paredes da escola, e provavelmente delimitarão as atitudes de seus/suas alunos(as), por boa parte de suas vidas, ou por toda ela.

Ao se refletir em educação, pensa-se na formação dos(as) estudantes como um ser de direitos e deveres, com habilidades e dificuldades, enfim seres pensantes com diversas particularidades. No entanto, quando se aborda o tema gênero na escola, alguns(mas) profissionais não sabem como apresentá-lo em sala de aula e acabam deixando de lado tal conteúdo, ou por vezes, mostram de forma errônea e estereotipada, definindo o que deve ser de meninos e o que deve ser de meninas.

Esse fato pode ocorrer por diversos motivos, mas acredita-se que o despreparo dos(as) profissionais da educação quanto ao tema Gênero originam-se principalmente pela dificuldade de tratá-lo de forma transversal e interdisciplinar. Pois para isso o(a) profissional necessita de embasamento, conhecimentos que muitos ainda não possuem, como percebe-se na presente afirmativa de Casagrande e Luz (2016, p. 65):

A ausência de inclusão de gênero, de forma transversal e interdisciplinar, nas práticas e ações docentes, nos projetos político-pedagógicos das redes

públicas, ao longo destas duas últimas décadas, talvez seja consequência do caráter de subentendimento e ambiguidade com que aparecem nesses documentos, assim como também do fato de que poucos são os docentes das redes estaduais, e também nas redes municipais de ensino, que possuem o conhecimento básico para a transversalização de gênero e de outros marcadores sociais no processo ensino/aprendizagem e a sua importância na construção de uma educação não discriminatória.

O despreparo dos(as) profissionais da educação quanto ao assunto gênero não foi um problema enfrentado apenas no passado, reflete no cenário educacional atual. Nessa mesma perspectiva Schindhelm e Hora (2015, p. 151) revelam a dificuldade dos(as) profissionais em entender os temas sexualidade e gênero como conhecimentos valiosos para construção da identidade da criança, como perceber-se em:

Ainda hoje, no cenário escolar infantil brasileiro perdura a improvisação do senso comum, a incompreensão, o repetir de preconceitos e, quase sempre, o descaso no tocante aos estudos sobre a sexualidade e o gênero das crianças. Não seria esta uma forma de negar a importância da criança como um ser sexuado?

Sendo assim, nota-se a importância da discussão sobre gênero ainda na primeira infância, visto que essa fase de aprendizagem é fundamental na construção da identidade e autoconhecimento da criança. Tal afirmativa converge as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) que declara o seguinte:

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional. [...] Nessa perspectiva, é oportuno e necessário considerar as dimensões do educar e do cuidar, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social da Educação Básica, a sua centralidade, que é o estudante. Cuidar e educar iniciam-se na Educação Infantil, ações destinadas a crianças a partir de zero ano, que devem ser estendidas ao Ensino Fundamental, Médio e posteriores (BRASIL, 2013, p.17).

Salienta-se também, a necessidade da sociedade e dos sistemas educacionais de repensarem sobre esse assunto para a formação integral do(a)

estudante, notando-o(a) como sujeito de direitos que definirá a partir de seus próprios conceitos a sua identidade.

Ao refletir-se sobre como se instaura a tema gênero (em consonância com a temática sexualidade) nos ambientes escolares, pode-se afirmar em concordância a Louro (1997), que a sexualidade, o trato da mesma em contexto educacional, independe de aulas específicas, pois ela se faz como individualidades que não podem ser “retiradas” do(a) aluno(a).

Define-se assim, que independente do propósito ou não de abordar questões de gênero nas escolas, estas estarão presentes no contexto escolar por fazer parte das pessoas e de suas identidades.

Nesta perspectiva entende-se que a aprendizagem sobre gênero ocorrerá em ambiente escolar independente da abordagem direta, porém sem as orientações e encaminhamento pedagógico adequado pode gerar sérios casos de preconceito e discriminação.

Sendo assim, pode-se dizer que para haver o ensino de maneira efetiva deve-se investir em formação continuada dos(as) professores(as) e educadores(as), em materiais para o tratamento de gênero em sala de aula e de conscientização da população como afirmam os autores Neto e Leite (2015, p. 48):

[...] os países deveriam expandir cuidados na primeira infância e educação, universalizar o ensino primário [...] alcançar a paridade e igualdade de gênero e melhorar a qualidade da educação. Assim, é fundamental investir em práticas educativas, científicas, a fim de eliminar os preconceitos existentes na humanidade e conscientizar a população sobre o papel da ciência.

Portanto, entende-se que para ocorrer o ensino de qualidade se faz necessário o comprometimento dos profissionais da educação, assim como investimento para conscientização tanto dos profissionais da educação quanto da população em geral.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Objetivando-se apresentar resultados que possam contribuir para o setor educacional, o presente estudo deu-se em duas fases:

Fase teórica: com o estudo e exploração de referências no tema gênero, bem como teorias sobre o desenvolvimento da criança na educação infantil e ensino fundamental de séries iniciais.

Fase de campo: ocorreu com a investigação e coleta de dados com profissionais que atuam com a educação infantil e ensino fundamental I.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Para o estudo de campo utilizou-se para obtenção de dados dois tipos de questionário:

Questionário físico - com participação de professoras dos municípios de atuação da pesquisadora.

Questionário *online* – realizado em plataforma digital *Google* formulários.

O estudo de campo com aplicação de questionário impresso foi realizado nos municípios: Balsa Nova e Campo Largo, ambas cidades da Região Metropolitana Sul de Curitiba. Para esta pesquisa foram escolhidas professoras que lecionam na educação infantil e/ou ensino fundamental I.

Vale ressaltar que foram convidadas em torno de 20 á 30 professoras a participar da pesquisa, porém apenas 5 profissionais aceitaram e entregaram os questionários e com o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) devidamente preenchidos.

O motivo da escolha dessas profissionais se dá pelo fato de estarem inseridas em ambiente escolar há anos e, assim sendo já interagiram e influenciaram no comportamento e escolhas de muitos alunos e alunas. Outro motivo para escolha se deu pelas profissionais lecionarem nas escolas em que a pesquisadora tem fácil acesso.

Acrescenta-se ainda, que a pesquisa foi realizada com a devida autorização das administradoras das escolas (Apêndice B), e passou-se em escolas de ensino

municipal pública, sendo utilizado como instrumento de coleta o questionário semi-aberto (Apêndice C).

O questionário aplicado pela plataforma digital do *Google Forms* foi preenchido por profissionais da educação, que atuam em diversas cidades e estados de nosso país. As respostas ocorreram mediante a um convite (Apêndice D) em um grupo fechado de professores(as) e educadores(as) da educação infantil e ensino fundamental na rede social *facebook*.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Utilizou-se como modelo de investigação a pesquisa de campo com abordagem qualitativa, realizada com profissionais da educação que atendem as crianças da educação infantil e do ensino fundamental I. Nessa fase, também, destacam-se as narrativas de docentes que atuam com estudantes da faixa etária de estudo de 01 a 10 anos de idade, e por meio de entrevistas semi-estruturadas.

Ao longo do trabalho, fez-se necessário o estudo sobre concepções de gênero e para responder essa questão foram analisadas as obras de autoras, como: Louro (1995), (1997) e (2000), Xavier Filha (2015), Schindhelm; Hora (2015), Casagrande e Luz (2016) e Canguçu (2015).

Para a pesquisa bibliográfica, contou-se também, com a análise de documentos oficiais emitidos pelas Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, os quais embasam todo trabalho docente.

Considera-se o estudo bibliográfico como elemento essencial para o referencial teórico e fundamentação de um trabalho científico, pois ela permite ao(à) pesquisador(a) bem como ao(à) leitor(a) a oportunidade de conhecer e analisar as diversas fontes e teorias de um determinado tema ou problema.

A pesquisa de campo possui caráter descritivo, e desenvolveu-se com a participação de cinco professoras da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental de duas escolas públicas com aplicação de questionário impresso e, também, com 27 profissionais da educação atuantes na educação infantil e ensino fundamental I de escolas públicas, privadas e filantrópicas com aplicação do questionário *online* (*Google* formulário).

A investigação fundamentou-se no objetivo de analisar os materiais e as metodologias utilizados para atuar com crianças pequenas (educação infantil) e do

ensino fundamental I e qual o preparo dos(as) profissionais e disposição de materiais para tratar o tema.

A análise e interpretação de dados ocorreram pelo exame das respostas das 5 professoras aos questionários impressos (Apêndice C), e de 27 profissionais da educação com preenchimento do questionário pelo site do *Google* formulário (Apêndice E), sendo estes(as) 18 professores(as) (16 mulheres e 2 homens), 2 diretoras, 8 pedagogas e 4 educadoras.

O levantamento de dados, também considerou o tratamento de informações (de diferentes fontes) e, de entrevistas não padronizadas na instituição de ensino em que houve a pesquisa de campo com aplicação de questionário impresso.

4. ANÁLISE DE DADOS

Para obtenção de dados a presente pesquisa utilizou-se de dois formulários semi-estruturados (Apêndices C e E), elaborados e aplicados pela própria pesquisadora.

O questionário impresso (Apêndice C) foi realizado com a autorização (Apêndice A) de 5 professoras participantes, residentes nos municípios em que a pesquisadora atua. O questionário digital pelo site *Google* formulário (Apêndice E) foi realizado espontaneamente por 27 profissionais da educação (25 mulheres e 2 homens), após o convite da pesquisadora na rede social *facebook* (Apêndice D).

5. RESULTADOS

Neste item serão apresentados os resultados referentes às respostas aos dois questionários aplicados pela pesquisadora de forma impressa (Apêndice C) e de modo *online* (Apêndice E).

Considerou-se para cada pergunta o seguinte total de participantes para cada questionário:

- Questionário impresso participaram 5 professoras de redes municipais de ensino.

Questionário *online* 27 profissionais da educação das redes municipais, particulares e filantrópicas, sendo eles(as) 18 professores(as) - 16 mulheres e 2 homens, 2 diretoras, 8 pedagogas e 4 educadoras.

5.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO IMPRESSO

Esta etapa da pesquisa contou com a participação voluntária de cinco professoras. As demais, após saber o teor das perguntas optaram por não respondê-lo alegando ser um tema bem complexo para ser tratado na escola. Esse dado evidencia que as professoras não estão preparadas para abordar a temática em sala de aula e nos leva a inferir que não o fazem no cotidiano de sua rotina escolar. Mesmo ao ser explicado que suas identidades seriam resguardadas as professoras não se sentiram à vontade para responder ao questionário.

Quanto às características das escolas, analisou-se que ambas as escolas possuem entre 10 a 30 funcionárias e ofertam as duas etapas de educação básica pesquisadas: educação infantil e ensino fundamental I.

Sobre às perguntas do campo “dados do(a) entrevistado(a)”, as cinco profissionais exercem a função de professora nas escolas, e tem nível de instrução como pós graduação na área da Educação.

O tempo de atuação na área foram os seguintes: 2 professoras atuam a mais de 20 anos na área, 2 professoras atuam de 10 a 15 anos e 1 professora atua de 5 a 10 anos.

Percebe-se pelo tempo de atuação que se tratam de professoras experientes, e que ao longo da carreira estiveram presentes na formação de identidade de muitos(as) alunos(as) por meio de suas metodologias e práticas educacionais aplicadas em sala de aula.

Como respostas ao questionário (Apêndice C), na parte específica de pesquisa sobre o ensino ao tratar Gênero as respostas obtidas por pergunta foram:

Pergunta 9: “Marque um X na assertiva que você julga como correta:”, como resposta a questão, as cinco entrevistadas assinalaram a seguinte alternativa: d) “O professor ao abordar Gênero, deve tratar como natural e de forma imparcial as escolhas e características do aluno, levando em conta a construção de sua identidade”.

Após a entrega dos questionários a professora que será identificada no decorrer da pesquisa como Professora 4, revelou que acreditava ter assinalado a alternativa correta, mas que na realidade não concordava com a abordagem do tema em ambiente escolar, por ser algo que refere-se ao contexto familiar.

Quanto a pergunta 10: “Em sua opinião é possível trabalhar questões de Gênero sem a interferência familiar e cultural a que a criança pertence? houve opiniões diversas como percebe-se:

Quadro 1. Resposta à pergunta 10 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Não”
Professora 2	“Não”
Professora 3	“Talvez”
Professora 4	“Sim”
Professora 5	“Não”

Fonte: Autoria própria.

Sendo assim, pressupõe-se que a resposta dada a questão anterior (questão 9), tenha sido preenchida de acordo com o que as entrevistadas consideram que deveria ser o correto, pois ao deparar-se com influências culturais e familiares a profissional remete-se a uma série de questionamentos quanto aos temas abordados em sala de aula.

No que diz respeito a pergunta número 11 do questionário: “Ao abordar Gênero em sala de aula você induz a criança a perceber o que são “coisas” de menina e de menino? ”Obteve-se as respostas expostas no (Quadro 2).

Quadro 2. Resposta à pergunta 11 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Às vezes”
Professora 2	“Não”
Professora 3	“Não”
Professora 4	“Sim”
Professora 5	“Não”

Fonte: Autoria própria.

Percebe-se que por vezes, mesmo demonstrando ter consciência de como tratar o tema gênero e diversidade de forma natural e imparcial no ambiente escolar, as professoras acabam se deixando influenciar por hábitos culturais e por suas próprias convicções sobre o que deve ser realizado por meninos e meninas.

No que se refere a pergunta número 12: “Você considera que sua atuação contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre seus alunos?” (Quadro 3), as respostas obtidas foram as seguintes:

Quadro 3. Resposta à pergunta 12 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Talvez”
Professora 2	“Sim”
Professora 3	“Não Sei”
Professora 4	“Sim”
Professora 5	“Sim”

Fonte: Autoria própria.

Observa-se que as opiniões são divergentes, pois a insegurança ao abordar o tema provavelmente decorrem da falta de instrução adequada aos profissionais, o que dever poderia ser ofertada anualmente em cursos de capacitações nas instituições de ensino, bem como na grade curricular de formação acadêmica do profissional da educação.

Como resposta à Pergunta 13: “O que você acredita que se deve fazer se um menino de sua turma preferir brincar com bonecas e uma menina com carrinhos e caminhões?”, as participantes da pesquisa deram as respostas a seguir:

Quadro 4. Resposta à pergunta 13 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Apenas observar para ver se há interesse excessivo pelos brinquedos considerados do “outro gênero.”
Professora 2	“Tratar como se fosse normal tal comportamento para não gerar preconceito e discriminação.”
Professora 3	“Não sou eu como professora que vou interferir.”
Professora 4	“Orientar que não há problemas nessa situação.”
Professora 5	“Deixar brincar, pois eles tem livre escolha.”

Fonte: Autoria própria.

Nota-se que as respostas das professoras 1 e 2 carregam em seu comentário certas convicções pessoais, como exemplo a expressão usada pela professora 1 “ver se não há interesse excessivo pelos brinquedos considerados do outro gênero”, entendendo-se que se a criança continuar optando pela brincadeira com tais brinquedos ela irá intervir e, também a expressão utilizada pela professora 2 “Tratar como se fosse normal”, entendo-se que brincar com tais brinquedos não se trata de algo normal, mas trataria como se fosse para evitar discriminação e preconceito.

Ao responderem a pergunta 14: “Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?”, (Quadro 5), as profissionais responderam:

Quadro 5. Resposta à pergunta 14 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Devem ser muito bem pesquisados antes do uso, pois muitos ainda reproduzem essa desigualdade.”
Professora 2	“Alguns apresentam mudanças.”
Professora 3	“Não houve adequação do conteúdo.”
Professora 4	“Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças no contexto educacional.”
Professora 5	“Não, continuam sempre reproduzindo a questão de gênero (o que é coisa de menino e menina).”

Fonte: Autoria própria.

Constatou-se que apenas a professora 4 acredita que os materiais didáticos estão de acordo com a questão de igualdade de gêneros sem estereótipos do que deve ser de menino ou menina.

Sendo assim, nota-se que de fato não há material didático propício a um ensino e aprendizagem satisfatória acerca do tema gênero nas instituições de ensino.

Finalizando a pesquisa realizada em campo, para a pergunta 15 do questionário: “Nos momentos de recreação (brincadeiras) ou até mesmo outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos?”, obtiveram-se as seguintes afirmativas:

Quadro 6. Resposta à pergunta 15 do questionário impresso.

PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
Professora 1	“Não”
Professora 2	“Na educação infantil não, porém no ensino fundamental ainda é difícil de se trabalhar.”
Professora 3	“Não”
Professora 4	“Não”
Professora 5	“Não”

Fonte: Autoria própria.

Pode-se perceber que quanto a educação infantil todas as profissionais disseram não haver diferenciação nas brincadeiras e no tratamento de meninas e meninos, já no que se refere ao ensino fundamental, uma das professoras ressaltou que o mesmo tratamento sem diferenciação fica difícil no ensino fundamental.

Ao longo da análise a pesquisadora deparou-se com uma série de controversas nas respostas aos questionários, atribuindo tal fato a tentativa de respostas educacionalmente corretas, mas que cotidianamente não fazem parte da realidade do ensino às crianças pequenas da educação infantil, bem como as maiores do ensino fundamental.

5.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO *GOOGLE FORMS*

A segunda forma de obtenção de dados ocorreu pelo preenchimento do formulário semi estruturado disponibilizado para profissionais da educação infantil e ensino fundamental pela plataforma do *Google* formulário.

O convite (Apêndice D) para a participação na pesquisa respondendo o questionário ocorreu por meio de uma rede social e em um grupo fechado de professores de educação infantil e ensino fundamental e logo após a publicação causou uma pequena repercussão quanto ao tema gênero na educação infantil e ensino fundamental.

A estrutura do questionário *online* (Apêndice E) foi dividida em três partes: Dados da instituição, dados do/a participante e, específicos de atuação e tratamento da questão de gênero na educação infantil e ensino fundamental I.

Nas primeiras 24 horas em que o questionário estava ativo e aceitando respostas, houve uma boa participação dos(as) professores(as) e apoio a pesquisa, no entanto no decorrer dos dias o retorno diminuiu significativamente. No fechamento do questionário haviam 27 respostas validadas sendo compostas por 25 participantes mulheres e 2 homens.

5.2.1 Resultados Quanto a Instituição de Atuação dos Participantes

Nessa fase serão destacados os resultados quanto aos dados obtidos sobre as instituições de ensino, como repara-se no Quadro 7:

Quadro 7. Resposta a questão 1 do questionário *online*.

Rede:	Pública 20 pessoas (74,1%) - Privada 6 pessoas (22,2%) – Filantrópica 1 pessoa (3,7%).
Atende a que público:	Apenas Educação Infantil 14 pessoas (51,9%) - Apenas Ensino fundamental I 3 pessoas (11,1%) - Educação infantil e Ensino Fundamental I 10 pessoas (37%).
Quantidade de funcionários:	Até 10 5 pessoas (18,5%) - De 10 á 20 6 pessoas (22,2%) - Mais de 20 16 pessoas (59,3%).

Fonte: Aatoria própria.

5.2.2 Resultados Quanto aos Dados dos(as) Entrevistados(as)

No que se refere aos dados dos(as) entrevistados(as) dos 27 participantes 66,7% atuam com cargo de professor(a) o que corresponde a 18 participantes - 29,6 % exercem a função de pedagogo(a) o que corresponde a 8 participantes – 7,4% são diretores(as) o que corresponde a 2 participantes e 14,8% exercem a função de educador(a) o que corresponde a 4 participantes.

Obtiveram-se, também, os seguintes números e porcentagens quanto ao nível de formação (instrução) dos(as) entrevistados(as):

Quadro 8. Referente a pergunta 5: Qual nível de instrução.

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	PORCENTAGEM
Ensino Médio Técnico (Magistério)	11,1%
Ensino Superior na área da Educação	33,3%
Pós-graduação (especialização)	51,9%
(Mestrado)	3,7%

Fonte: Autoria própria.

Observa-se que um pouco mais de 50% dos participantes da pesquisa possuem um nível de instrução com pós-graduação, porém 44,4% dos(as) entrevistados(as) possuem apenas o nível desejável para ministrar aulas a educação infantil, ou ensino fundamental.

Sobre a experiência dos(as) profissionais questão 6 constatou-se que 22,2% atuam na área da educação a menos de 2 anos o que corresponde a 6 pessoas, 14,8% atuam de 2 a 5 anos na área o que corresponde a 4 pessoas, 25,9% atuam na área de 5 a 10 anos o que corresponde a 7 pessoas, 14,8% atuam de 10 á 15 anos na área o que corresponde a 4 pessoas, 3,7% dos entrevistados atuam na área de 15 a 20 anos o que corresponde a apenas 1 pessoa e por fim 18,5% atuam na área a mais de 20 anos o que corresponde a 5 pessoas.

Nesta perspectiva, pode-se analisar que 37% dos entrevistados ainda estão no início de carreira e provavelmente seguirão muitos anos na área, possíveis oportunidades de cursos de capacitação auxiliariam os(as) novos(as) profissionais a atuarem sem estereótipos.

As turmas de atuação dos(as) participantes da pesquisa dividem-se entre: 59,3% somente na área da educação infantil (16 pessoas), 14,8% apenas no ensino

fundamental I (4 pessoas) e 25,9% em ambas as modalidades de ensino (7 pessoas). Vale ressaltar que todos os(as) participantes da pesquisa correspondem ao grupo abordado como referencial para a pesquisa.

5.2.3 Análise de Dados Sobre a Abordagem de Gênero no Ensino

A questão número 8 do questionário online procurou abordar a opinião dos professores quanto a abordagem de gêneros para crianças da faixa etária de pesquisa educação infantil, de 1 ano a 6 anos, e ensino fundamental, de 6 a 10-11 anos.

Pode-se dizer que 77,8% dos entrevistados consideram que o professor ao abordar Gênero em sala de aula tanto em educação infantil quanto no ensino fundamental, deve tratar como natural e de forma imparcial as escolhas e características do aluno, levando em conta a construção de sua identidade. Em contraposição 11,1% dos entrevistados acreditam que Gênero não deve ser tratado em ambiente escolar independente da etapa de ensino, enquanto que 7,4% assinalaram que o tema Gênero não deve ser tratado em sala de aula com as crianças de educação infantil. Nenhum entrevistado assinalou a opção de que o professor do Ensino fundamental I não deve explorar o tema Gênero em sala de aula (0%) e 3,7% não responderam nenhuma das opções o equivalente a 1 participante.

Verifica-se que ainda há uma resistência em tratar o tema em sala de aula, provavelmente por convicções culturais ou até mesmo por insegurança para tratá-lo de forma natural e sem generalizações e preconceitos, ações que podem ser consideradas agressivas e prejudiciais ao desenvolvimento da criança.

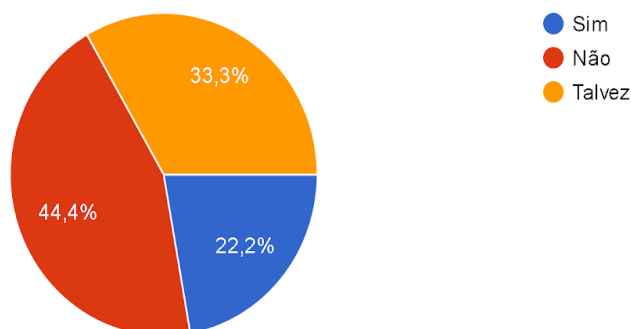
Segundo o Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva (CEPESC), a invisibilidade da temática gênero em ambiente escolar colabora para que existam situações de violência e desrespeito aos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes como percebe-se na seguinte assertiva:

A invisibilidade da temática, por parte de educadoras e educadores e de todas as autoridades do sistema educacional, concorre consideravelmente para que essas violências se perpetuem. Os/as adultos/as não estão habituados/as a reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos de direitos que incluam a sexualidade. Existe uma grande ansiedade em

relação a um tipo de educação sexual que leve crianças, adolescentes e jovens a aceitarem comportamentos que, para as convicções pessoais de muita gente, continuam sendo condenáveis, contrários ao desenvolvimento sadio, e que deveriam permanecer recolhidos à intimidade. Muita gente vê nisso uma ameaça à família, aos valores morais, à própria vida em sociedade. É preciso questionar esta visão, e refletir sobre como o silêncio em relação a situações de discriminação por preconceito e violência de gênero contribui para a reprodução de uma ordem desigual e injusta (CEPESC, 2009, p.141).

Seguindo nessa perspectiva, sobre o tratamento de gênero em ambiente escolar como uma “ameaça” à família e aos valores culturais, a pergunta número 9 do questionário online aborda se é possível trabalhar questões de Gênero sem a interferência familiar e cultural a que a criança pertence e mais de 40% dos profissionais respondem a questão afirmando que não é possível, como se observa no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Pergunta 9 do questionário online.



Fonte: Autoria própria.

Tais números apenas reafirmam para pesquisadora a questão do despreparo dos profissionais da educação que aparentemente se deixam influenciar por questões culturais e familiares esquecendo o importante papel que desempenha na construção da identidade dos alunos. Tal fato não pode ocorrer, pois como afirma Freire (1997) a formação de identidade tanto do educando quanto a do educador são importantes o autor ainda diz que:

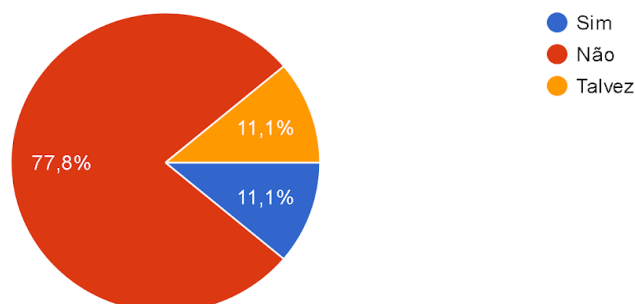
Fica clara a importância da identidade de cada um de nós como sujeito, educador ou educando, da prática educativa. E da identidade entendida nesta relação contraditória, que somos nós mesmos, entre o que herdamos e o que adquirimos. Relação contraditória em que, às vezes, o que adquirimos em nossas experiências sociais, culturais, de classe,

ideológicas, interfere de forma vigorosa, através do poder dos interesses, das emoções, dos sentimentos, dos desejos, do que se vem costumando chamar “a força do coração” na estrutura hereditária. Não somos, por isso, nem só uma coisa nem só a outra. Nem só, repetamos o inato, nem tampouco o adquirido, apenas (FREIRE, 1997, p.64).

Ainda em acordo com Freire (1997), assevera-se que não se deve deixar que as experiências sociais, culturais, e ideológicas interfiram nas relações, pois em atuação não deve-se apenas repetir o inato, mas não se deve repetir somente o que lhe foi adquirido.

Observa-se (Gráfico 2) que na questão número 10 que se referia a possibilidade do(a) profissional fazer induções para as crianças sobre o que são “coisas de menino” e “coisas de meninas”, 21 dos participantes disseram não induzir as crianças, 3 participantes disseram que sim induzem e outras 3 pessoas relataram que talvez induzam.

Gráfico 2- Resposta 10 do questionário online.



Fonte: Autoria própria.

Constatou-se com a pergunta número 11 do questionário online (Apêndice E) que 81,5% das profissionais acreditam que colaboram para a promoção de igualdade de gênero, enquanto 14,8% afirmam que talvez colaborem e apenas 3,7% admitem não colaborar. Nota-se a distorção do que de fato seria essa colaboração, pois segundo os dados da pergunta anterior apenas 22% dos participantes disseram não ser impactados pela interferência familiar ou cultural.

Sobre os materiais didáticos ao ser perguntado: “Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?” Para essas indagações obtiveram-se diversas respostas, que serão apresentadas na sequência (Quadro 9).

Quadro 9. Respostas da pergunta 12 sobre os Materiais didáticos.

Respostas objetivas	5 pessoas Não 2 pessoas Sim
Respostas simples e com posicionamento parcial	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Existem os dois tipos materiais, é preciso cuidado ao selecionar.” 2. “Nenhum material está totalmente de acordo”. 3. “Continuam reproduzindo a desigualdade, apesar de já existir alguns materiais bacanas para trabalhar o assunto.” 4. “Roda de conversa, muito diálogo com situações diárias.” 5. “Tem algo a complementar.” 6. “Alguns.” 7. “Sendo adaptados”
Respostas com posicionamentos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Difícil achar material do tipo, mas quando há um material que aborda, normalmente, continua reproduzindo a desigualdade, de alguma maneira”. 2. “Os Materiais não estão preparados, assim, como a sociedade.” 3. “Continuam reproduzindo a desigualdade...” 4. “Reproduz desigualdade”. 5. “Não, na grande maioria vão reproduzindo os estereótipos da sociedade e por consequência, as desigualdades.” 6. “Precisamos ensinar as crianças a serem gente! O gênero não importa, são crianças!!!” 7. “A desigualdade está na limitação de quem acha que ela existe. Se você acha que existe, então ela existe. Se você sabe que são iguais (porque são iguais), então a desigualdade não existe. É simples assim. Sem mimimi, sem conversinha fiada. A questão é SER. Quando se É... NADA MUDA ISSO. E "SER" requer dedicação, comprometimento, esforço, vontade, interesse; não importa se é homem, mulher ou qualquer outra coisa. Nunca ouvi meu pai, nem minha mãe falarem sobre isso, muito menos na escola. A única coisa que vi foi um pai extremamente parceiro e uma mãe extremamente parceira... isso basta pra entender que a desigualdade NÃO EXISTE. SOMOS IGUAIS EM CAPACIDADE, mas somos diferentes em interesse e comprometimento. O compromisso e comprometimento é o que nos torna melhor ou pior em qualquer área de atuação. Obs: não respondi o que perguntaram de propósito. Não sou analfabeta funcional. A resposta da pergunta é: A pergunta é ridícula, portanto não merece resposta”. 8. “Não estão preparados, mas precisa ser trabalhado entre família e escola para mudar a forma de como vemos.” 9. “Infelizmente a sociedade continua estimulando desigualdades e "empurrando" as minorias a marginalização!!!!” 10. “Não possuo material específico em meu local de trabalho.”

Fonte: Autoria própria.

Percebe-se no total de respostas que três participantes não opinaram sobre a existência ou não de material didático que contemplem a igualdade de gênero, talvez por nem ao menos pensar sobre o tratamento do tema no contexto escolar.

As respostas, em sua maioria, retrataram a realidade sobre a defasada existência de materiais adequados e, também de materiais com abordagens contrárias a igualdade de gênero.

Houve até mesmo uma resposta em tom ríspido, pois a entrevistada declarou que a pergunta é “ridícula”, nota-se o posicionamento no seguinte trecho:

“A resposta da pergunta é: A pergunta é ridícula, portanto não merece resposta” (Professora participante da pesquisa em questionário online).

Pressupõe-se que tal indignação ocorre pelo participante acreditar que tal assunto não cabe a escola e nem mesmo aos familiares.

Na pergunta número 13 do questionário online: “O que você acredita que se deve fazer se um menino de sua turma preferir brincar com bonecas e uma menina com carrinhos e caminhões?”, a maioria das respostas para esse questionamento foram todas favoráveis a deixar a criança brincar sem interferências. Como se destaca no Quadro 10, com exemplos algumas respostas obtidas.

Quadro 10. Respostas da pergunta número 13.

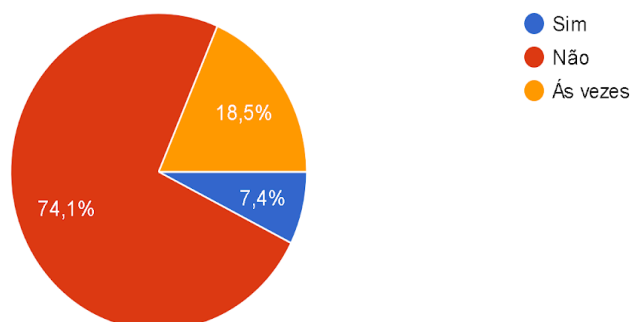
PROFISSIONAL	RESPOSTAS
Professor(a)	1 “Deixar que brinquem!” – 2 “Agir com naturalidade” – 3 “Agir naturalmente, pois na educação infantil as crianças estão fazendo suas conexão e experiência, para após se definir e se o professor interferir de forma arbitrária ou colocando seus valores pré estabeleceu, a criança irá achar errado uma coisa que passaria rapidamente.” – 4 “Deixar”.
Pedagogo(a)	5 “Deixar brincar com o que deseja” – 6 “Deixar brincar são só brinquedos” – 7 “De forma alguma, as crianças brincam com o que desperta a curiosidade” – 8 “Não dar importância ao fato, porque se o tema for abordado pelo mediador criará expectativas que talvez as crianças não tenham maturidade em compreender o que são brinquedos de “meninas” ou “meninos”.”.
Diretor(a)	9 “Nada” – 10 “Deixá-los serem o que quiserem”.
Educador(a)	11 “Crianças podem brincar com o que quiserem” – 12 “É natural.” – 13 “Eu deixo brincar, isso não vai mudar a sexualidade deles.”.

Fonte: Autoria própria.

Nota-se que os profissionais entrevistados, demonstraram em suas respostas que a brincadeira é algo natural e independe da escolha do brinquedo. Será mesmo que a essa fala corresponde a prática? Na última pergunta do questionário (pergunta

14), que refere-se a diferenciação no tratamento de meninas e meninos durante as brincadeiras e recreação, alguns profissionais demonstraram opiniões opostas ao que haviam relatado na questão anterior, como revela-se no Gráfico 3.

Gráfico 3- Resposta pergunta número 14.



Fonte: Autoria própria.

O Gráfico 3 revelou que 7,4 % (2 profissionais) dos entrevistados admitem diferenciar sim o tratamento de meninas e meninos em momentos recreativos e pedagógicos, e outros 18,5% (5 profissionais) e admitem diferenciá-los em alguns momentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou a identificação das principais dificuldades dos profissionais da educação em abordar e lidar com situações relacionadas ao gênero e diversidade de gênero em ambiente escolar.

Uma das principais abordagens foi quanto a falta de materiais didáticos adequados para o suporte de uma educação igualitária no que tange a questão de gênero.

No início do trabalho realizaram-se algumas indagações, uma delas foi a seguinte: “Quais os materiais e as metodologias utilizados para abordagem de gênero nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I? ”

Ao realizar a análise dos dados coletados, bem como todo o referencial teórico consultado pela pesquisadora, pode-se dizer que a mesma obteve a seguinte resposta: os profissionais da educação entrevistados relatam não dispor desses aparatos para tratar o tema cotidianamente e, notoriamente, por mais que exista o esforço do(a)s professore(a)s em manter a imparcialidade no trato a meninos e meninas, o(a)s mesmo(a)s geralmente não utilizam metodologias apropriadas para abordar o tema.

Outro apontamento da pesquisa refere-se a falta de preparo e instrução adequada para o tratamento de questões de gênero com as crianças da educação infantil e ensino fundamental, apesar da maioria dos profissionais possuírem o grau de instrução de pós-graduados(as). Tal fato deu-se em análise das respostas dos questionários e entrevistas não padronizadas, nos quais os participantes acabaram por contradizer-se em suas respostas, o que leva a pesquisadora a acreditar que existe defasagem na formação inicial e, também complementar aos profissionais da educação para abordagem do tema gênero em contexto escolar.

Os resultados da pesquisa revelaram que parte dos profissionais acredita que não é possível desvincular a abordagem de gênero sem a interferência familiar e cultural a que a criança pertence. Cerca de 20 a 25% dos entrevistados, demonstram ter concepções contrárias ao tratamento de gênero nas escolas e admitem diferenciar meninas de meninos em momentos de recreação ou atividades pedagógicas.

No que diz respeito ao questionário físico aplicado em Escolas Municipais da Região Metropolitana Sul de Curitiba, percebeu-se certo desconforto por parte dos

profissionais da educação ao abordar o tema e convidá-los(as) ao preenchimento do questionário. Notou-se que cerca de 5 a 6 funcionárias chegaram a aceitar o questionário, mas não fizeram a devolutiva com o preenchimento, reafirmando a hipótese da pesquisadora quanto ao despreparo e incômodo dos(as) profissionais ao tratar sobre a temática em ambiente escolar.

Pode-se dizer que o estudo favoreceu o reconhecimento (por parte da pesquisadora e de possíveis leitores/as) da necessidade de adaptações nos materiais didáticos e, no currículo da educação infantil e ensino fundamental I, visando contemplar a formação identitária do aluno por toda sua jornada escolar, ou seja, desde a educação infantil.

Espera-se que este trabalho possa colaborar para reflexão dos profissionais da educação, quanto sua própria atuação. Almeja-se, o favorecimento de mediações com neutralidade, em outras palavras, sem interferências culturais, familiares, religiosas e estereotipadas.

Adicionalmente, ressalva-se que devido à limitação de tempo e o momento de afastamento social instaurado em razão a pandemia causada pelo vírus Covid-19, não foi possível ampliar o tamanho da amostra. Por exemplo, uma aplicação de questionário para uma quantia maior de profissionais da área da educação e, para uma pesquisa de campo com observação da atuação das profissionais da educação infantil e ensino fundamental I, tais ações possivelmente ampliariam a cobertura da pesquisa.

Mesmo com as limitações acima citadas, a escolha do método demonstrou-se a mais adequada para atingir os objetivos pretendidos nesta pesquisa, pois o mesmo permitiu a obtenção de informações sobre o tema tratado, permitindo assim uma análise e a obtenção dos resultados.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Alexandre; MOSTAFA, Maria; COLBERT, Melissa; BICALHO; Pedro Paulo; POLATO, Roney; PINHEIRO, Thiago Félix. **Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica**. 1ª Edição, Rio de Janeiro/ RJ, 2014, p.16.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>>. Acesso em: 28 de março de 2020.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB)**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 24 março de 2020.

CANGUÇU, Talwane Vieira. **Construindo a Igualdade de Gênero na Educação Infantil**. Brasília,2015. Monografia (especialização) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia – EaD.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da. **Entrelaçando gênero e diversidade:enfoques para a educação**. Volume 1. Curitiba, Paraná. Ed. UTFPR, 2016, 400 p.

_____. **Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual no trabalho**. Volume 2. Curitiba, Paraná. Ed. UTFPR, 2016, 396 p.

CEPESC. Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro; Brasília. __266 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** - cartas a quem ousa ensinar. Editora: Olho d'água, São Paulo/ SP, 1997.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

HENRIQUE, Morgana Larissa Maciel; SANTOS, Vinicius Silva; SANTOS, Jacques Fernandes. **Gênero na Educação Infantil: O que pensam as professoras e professores sobre o tratamento de meninos e de meninas na escola?** Revista Científica da FASETE, 2017.2, p.10-23.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino.** In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de (orgs.). Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 172-182.

_____. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

_____. **Corpo, escola e identidade.** In: **Educação e Realidade**, v.25, n. 2, p. 59-76, jul.-dez., 2000.

NETO, Antonio Lopes de Souza; LEITE, Sidnei Quezada Meireles. **GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM BREVE PANORAMA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM DIREITOS HUMANOS DA UFES.** Livro: **Gênero e diversidade na escola: práticas pedagógicas e reflexões necessárias** / organizador Carlos Roberto Pires. Campos - Vitória: Ifes, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de. **Diretores/as, pedagogos/as e professoras: informantes-chave dos interditos sobre a diversidade sexual e homofobia na escola.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.2, p.513-542 abr./jun. 2019. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/33266/2959>>. Acesso em: 03 de abril de 2020.

SACRAMENTO, Weverton Pereira do. **Diversidade cultural e de gênero: Desafios da educação inclusiva.** Livro: **Gênero e diversidade na escola: práticas pedagógicas e reflexões necessárias** / organizador Carlos Roberto Pires Campos - Vitória: Ifes, 2015, p.25-46.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE: uma prática a ser construída na Educação Básica.** Cornélio Procópio – Paraná, 2008. Produção Didático - Pedagógica – Caderno Temático – apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE.

SCHINDHELM, Virginia Georg; HORA, Dayse Martins. **Sexualidade, gênero e aprendizagens narrativas no currículo escolar da infância.** *Revista e-Curriculum*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 147-168, mar. 2015. ISSN 1809-3876. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/21700>>. Acesso em: 05 abril de 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica.** *Educação e Realidade*. 20 (2), p.71-99, 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês.

XAVIER FILHA, Constantina Xavier. **SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA.** *Rev. Diversidade e Educação*, v.3, n.6, p. 14-21, jul./dez. 2015.

APÊNDICE – A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR

**CURSO PÓS-GRADUAÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS
EDUCACIONAIS EM CIÊNCIAS E PLURALIDADE**

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa intitulada “**GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I**” que será realizada com profissionais que atuam em ambientes escolares que ofertam o ensino na modalidade infantil, e fundamental I, cujo principal objetivo será: identificar e analisar como ocorre a abordagem do tema gênero nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I. Estou ciente de que responderei 15 (quinze) questões. A acadêmica pesquisadora manterá sigilo absoluto sobre as informações, assegurarão o meu anonimato na publicação dos resultados da pesquisa, além de me dar permissão de desistir a qualquer momento, sem que isso me cause prejuízo algum. A pesquisa oferece benefícios para os acervos educacionais e não oferece risco algum para os profissionais da educação. Fui informada que posso contatar a pesquisadora Francini Dias se houver alguma dúvida relacionada a pesquisa pelo telefone (41) 3140-1712 ou e-mail: francinidiaas@gmail.com, e que se me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando forem publicados. A pesquisa será acompanhada pela orientadora, professora e doutora Katia Elisa Prus Pinho.

O presente termo de conhecimento será guardado pela pesquisadora e em nenhum momento será dado ao conhecer de outra pessoa.

Campo Largo, _____ / _____ / 2020

Assinatura do(a) participante: _____

Francini Dias

Professor - orientador
Katia Elisa Prus Pinho

APÊNDICE – B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR
CURSO PÓS-GRADUAÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS
EDUCACIONAIS EM CIÊNCIAS E PLURALIDADE**

Campo Largo, 19 de maio de 2020.

Eu, Francini Dias, acadêmica e pesquisadora do curso de Pós-Graduação de Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Polo UAB Antônio Gramsci de Campo Largo, que tenho como professora e orientadora a Dra. Katia Elisa Prus Pinho, venho por meio desta, solicitar autorização para realização de uma pesquisa, que terá como finalidade o desenvolvimento de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Asseguro que não será divulgado o nome real da instituição de ensino em que ocorrerá a pesquisa de campo no projeto de Monografia. Como metodologia de pesquisa empregar-se-á um questionário aos profissionais da educação deste estabelecimento de ensino, com questões objetivas e subjetivas relacionadas ao tema da pesquisa "Gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental I". O custeio dos documentos, explicação para preenchimento, bem como a aplicação do mesmo será realizada por mim.

Espero que o estudo possa colaborar para futuras pesquisas relacionadas a temática e abordagem de Gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental Séries Iniciais.

Atenciosamente,

Francini Dias

APÊNDICE – C –QUESTIONÁRIO TRATAMENTO DO GÊNERO POR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO IMPRESSO

Dados da instituição de ensino:

1- Iniciais do nome:_____

2- Rede: () Pública () Privada () Filantrópica

3- Atende ao público:

() apenas Educação Infantil

() apenas Ensino fundamental I.

() Educação infantil e ensino Fundamental I.

4- Número de profissionais que atuam no estabelecimento:

() Até 10

() De 10 á 20

() Mais de 20

Dados do(as) entrevistado(as):

5- Qual seu cargo na instituição?

() Professor (a)

() Pedagogo (a)

() Diretor (a)

6- Nível de instrução:

() Ensino médio técnico (Magistério)

() Ensino Superior

() Pós graduação (especialização)

() Mestrado

() Doutorado

7- Tempo em que atua na função:

() Até 2 anos

() De 2 á 5 anos

() De 5 á 10 anos

() De 10 á 15 anos

() De 15 á 20 anos

() A mais de 20 anos

8- Turmas que atua:

() Educação Infantil

() Ensino Fundamental I

() Em ambas alternativas

Sobre o ensino ao tratar Gênero e Diversidade:

9- Marque um x na assertiva que você julga como correta:

O tema Gênero não deve ser tratado em sala de aula com crianças de educação infantil.

O professor do Ensino fundamental I não deve explorar o tema Gênero e diversidade de Gênero em sala de aula.

Gênero não deve ser tratado em ambiente escolar independente da etapa de ensino.

O professor ao abordar Gênero, deve tratar como natural e de forma imparcial as escolhas e características do aluno, levando em conta a construção de sua identidade.

10- Em sua opinião é possível trabalhar questões de Gênero sem a interferência familiar e cultural a que a criança pertence.

Sim Não Talvez

11- Ao abordar Gênero e em sala de aula você induz a criança a perceber o que são “coisas” de menina e de menino?

Sim Não As vezes

12- Você considera que sua atuação contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre seus alunos?

Sim Não Talvez Não sei

13- O que você acredita que se deve fazer se um menino de sua turma preferir brincar com bonecas e uma menina com carrinhos e caminhões?

14- Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?

15- Nos momentos de recreação (brincadeiras) ou até mesmo outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos?

Sim Não Às vezes

APÊNDICE – D- CONVITE ONLINE

Professores da Educação Infantil

🔒 Grupo Privado · 378,0 mil membros

+ Convidar

Sobre
Discussão
Avisos
Salas
Membros
Eventos
Mídia
Arquivos

⋮



Francini Dias
6 de agosto às 21:56 · 🌐

⋮

Boa noite pessoal, sou professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental, estou fazendo cursos de especialização e peço a contribuição de quem puder me ajudar respondendo ao questionário que elaborei para levantar dados sobre o tema Gênero e Diversidade de Gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Agradeço de ❤️ a quem conseguir responder 😊 link https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSckuwwpjtS81URk6q9IssryZHbO2t82SURVuqMNE9-xfnZki/viewform?usp=pp_url&entry.1865973671=Privada

👍❤️👎 e outras 12 pessoas · 30 comentários

👍 Curtir
💬 Comentar



Tema bastante curioso e delicado para se abordar na Ed.Infantil, não?

Curtir · Responder · 4 semanas

↳ 3 respostas

⋮

Sobre

🔒 **Privado**
Somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele

👁️ **Visível**
Qualquer pessoa pode encontrar esse grupo.

👤 **Grupo Geral**

APÊNDICE – E- QUESTIONÁRIO *ONLINE*

TRATAMENTO DO GÊNERO E DIVERSIDADE DE GÊNERO POR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Pesquisa realizada para levantamento de dados para dissertação de Francini Dias.

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

Dados da instituição de ensino que atua:

2. 1- Rede: *

Marcar apenas uma oval.

- Pública
 Privada
 Filantrópica

3. 2- Atende ao público: *

Marcar apenas uma oval.

- apenas Educação Infantil
 apenas Ensino fundamental I.
 Educação infantil e ensino Fundamental I.

4. 3- Número de profissionais que atuam no estabelecimento: *

Marcar apenas uma oval.

- Até 10
 De 10 á 20
 Mais de 20

Dados do entrevistado:

5. 4- Qual seu cargo na instituição? *

Marque todas que se aplicam.

- Professor (a)
- Pedagogo (a)
- Diretor (a)
- Educador (a)

6. 5- Qual seu nível de instrução: *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino médio técnico (Magistério)
- Ensino Superior na área da Educação
- Pós graduação (especialização)
- Mestrado
- Doutorado

7. 6- Tempo em que atua na função: *

Marcar apenas uma oval.

- Até 2 anos
- De 2 á 5 anos
- De 5 á 10 anos
- De 10 á 15 anos
- De 15 á 20 anos
- A mais de 20 anos

8. 7- Turmas que atua: *

Marcar apenas uma oval.

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental I
- Em ambas alternativas

Sobre o ensino ao tratar Gênero e Diversidade:

9. 8- Assinale a assertiva que você julga como correta: *

Marcar apenas uma oval.

- O tema Gênero e diversidade não deve ser tratado em sala de aula com crianças de educação infantil.
- O professor do Ensino fundamental I não deve explorar o tema Gênero e diversidade de Gênero em sala de aula.
- Gênero e Diversidade de Gênero não deve ser tratado em ambiente escolar independente da etapa de ensino.
- O professor ao abordar Gênero e Diversidade, deve tratar como natural e de forma imparcial as escolhas e características do aluno, levando em conta a construção de sua identidade.
- Outro: _____

10. 9- Em sua opinião é possível trabalhar questões de Gênero sem a interferência familiar e cultural a que a criança pertence. *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

11. 10- Ao abordar Gênero e Diversidade de Gênero em sala de aula você induz a criança a criança a perceber o que são "coisas" de menina e de menino? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

12. 11- Você considera que sua atuação contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre seus alunos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez

13. 12- Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade? *

14. 13- O que você acredita que se deve fazer se um menino de sua turma preferir brincar com bonecas e uma menina com carrinhos e caminhões? *

15. 14- Nos momentos de recreação (brincadeiras) ou até mesmo outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Às vezes
 Outro: _____